Bruno Shimizu

**O MAL ESTAR E A SOCIEDADE PUNITIVA: ENSAIANDO UM
MODELO LIBERTÁRIO EM CRIMINOLOGIA
PSICANALÍTICA**

Tese apresentada à Banca Examinadora
do Programa de Pós-Graduação em
Direito, da Faculdade de Direito da
Universidade de São Paulo, como
exigência parcial para a obtenção do
título de Doutor em Direito.

Orientador: Professor Associado Alvino Augusto de Sá
Departamento de Direito Penal, Criminologia e Medicina Forense

Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo
São Paulo
2015

Ficha catalográfica

Shimizu, Bruno.

O mal estar e a sociedade punitiva : ensaiando um modelo libertário em criminologia psicanalítica / Bruno Shimizu. -- 2015.

360 f.

Orientador: Alvino Augusto de Sá

Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Direito. Programa de Pós-Graduação em Direito, 2015.

1. Criminologia. 2. Psicanálise. 3. Abolicionismo penal.

4. Sigmund Freud. 5. Sistema penal. I. Sá, Alvino Augusto de, orient. II. Título.

SHIMIZU, Bruno. *O mal estar e a sociedade punitiva: ensaiando um modelo libertário em criminologia psicanalítica*. 360f. Doutorado. Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RESUMO

A presente tese pretende elaborar um modelo libertário em criminologia psicanalítica, buscando uma articulação entre a criminologia psicanalítica e o paradigma criminológico da reação social. Assim, pretende-se construir uma criminologia psicanalítica que, em vez de questionar-se sobre o que leva a pessoa a cometer o crime, associando criminalidade e psicopatologia, coloque seu ferramental teórico a serviço da desconstrução e deslegitimação do sistema punitivo. Ademais, a tese aborda aspectos propriamente clínicos, traçando encaminhamentos para a constituição de uma “clínica psicanalítica da vulnerabilidade”, tendente a propiciar o fortalecimento do indivíduo perante o sistema punitivo. Para tanto, a tese realiza uma revisão bibliográfica sobre as obras de Sigmund Freud e seus discípulos imediatos, a fim de demonstrar que o modelo criminológico legitimante da punição não se coaduna com a psicanálise freudiana. A partir dessa constatação e da colocação dos desafios consubstanciados no advento do paradigma da reação social, a tese traça encaminhamentos para a instrumentalização da psicanálise em direção à crítica das práticas punitivas institucionais.

Palavras-chave:

criminologia – psicanálise – abolicionismo penal – Sigmund Freud – sistema penal

SHIMIZU, Bruno. *The punitive society and it's discontents: rehearsing a libertarian model of psychoanalytic criminology*. 360p. Doctorate. Faculty of Law, University of São Paulo, São Paulo, 2015.

SUMMARY

This thesis aims to develop a libertarian model in psychoanalytic criminology, seeking a link between the psychoanalytic criminology and the criminological paradigm of social reaction. Thus, the thesis aims to built a psychoanalytic criminology that, instead of questioning about what drives a person to commit the crime, linking crime and psychopathology, puts its theoretical tools in service of the deconstruction and the delegitimization of the punitive system. Moreover, the thesis addresses properly clinical subjects, tracing referrals to the constitution of a "psychoanalytic clinic of vulnerability", aimed at providing the empowerment of the individual before the punitive system. Therefore, the thesis makes a review on the works of Sigmund Freud and his immediate disciples, in order to demonstrate that the criminological model that legitimates punishment is inconsistent with Freudian psychoanalysis. Based on this findings and placing the challenges embodied in the advent of the paradigm of social reaction, the thesis traces referrals to the instrumentalization of psychoanalysis toward the critic of institutional punitive practices.

Key-words:

criminology – psychoanalysis – penal abolitionism – Sigmund Freud – penal system

SHIMIZU, Bruno. *Le malaise dans la société punitive: en essayant un modèle libertaire de criminologie psychanalytique*. 360f. Doctorat. Faculté de Droit, Université de São Paulo, São Paulo, 2015.

RESUMÉ

Cette thèse vise à développer un modèle libertaire en criminologie psychanalytique, cherchant un lien entre la criminologie psychanalytique et le paradigme criminologique de la réaction sociale. Ainsi, on a l'intention de construire une criminologie psychanalytique qui, au lieu de s'interroger sur ce qui motive une personne à commettre le crime, en reliant la criminalité et la psychopathologie, mette ses outils théoriques dans le service de la déconstruction et de la délégitimation du système punitif. En outre, la thèse aborde des affaires cliniques, traçant des références à la constitution d'une "clinique psychanalytique de la vulnérabilité", visant à fournir l'autonomisation de l'individu avant le système punitif. Par conséquent, la thèse rend un avis sur les travaux de Sigmund Freud et de ses disciples immédiats, afin de démontrer que le modèle criminologique de légitimation de la peine est incompatible avec la psychanalyse freudienne. Partant de ce constat et en plaçant les défis énoncés par l'avènement du paradigme de la réaction sociale, la thèse retrace références à l'instrumentalisation de la psychanalyse vers la critique des pratiques punitives institutionnels.

Mots-clés:

criminologie – psychanalyse – abolitionnisme pénale – Sigmund Freud – système pénal

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, ao professor Alvino Augusto de Sá, meu querido mestre e amigo, modelo de integridade e de compromisso acadêmico, mas também, de humanidade e de compaixão.

Agradeço aos professores Sérgio Salomão Shecaira, Paulo Cesar Endo, Alamiro Velludo Salvador Netto, Ana Lúcia Sabadell, Miriam Debieux Rosa e Sylvia Leser de Mello, todos presentes de alguma forma durante a pós-graduação.

Agradeço aos amigos oficiais e agentes de defensoria, estagiários e defensores públicos do Estado de São Paulo, companheiros na luta esperança de uma sociedade mais igualitária.

Agradeço aos companheiros e amigos da academia e dos movimentos sociais que ainda se colocam à disposição para a resistência contra a barbárie institucionalizada, parceiros na luta contra o sistema punitivo.

Agradeço à minha família e aos meus queridos amigos, por tudo.

Agradeço ao querido amigo André, pela atenta leitura crítica do texto e por seus valiosos comentários.

Agradeço, por fim, aos funcionários das bibliotecas do Ibccrim, da FDUSP, da FFLCH e do IPUSP, pelo auxílio inestimável a esta pesquisa.

“Mas estou sabendo que num processo ocorrido em Kilkenny, há três anos, no qual algumas pessoas foram acusadas de terem cometido torpes crimes, vós não negastes a intervenção do diabo, uma vez individuados os culpados.”

“Mas também nunca o afirmei abertamente. Nem mesmo o neguei, é verdade. Quem sou eu para emitir juízos sobre as tramas do maligno, especialmente”, acrescentou, parecendo querer insistir nesse ponto, “em um caso em que os que tinham dado início à inquisição, os bispos, os magistrados civis e todo o povo, talvez até os próprios acusados, desejavam verdadeiramente sentir a presença do demônio? Bem, talvez a única prova verdadeira da presença do diabo seja a intensidade com que todos, naquele momento, desejavam sabê-lo em ação...”

“Vós, portanto”, disse o Abade em tom preocupado, “estais me dizendo que em muitos processos o diabo não age apenas sobre o culpado, mas talvez e acima de tudo sobre os juízes?”

(Eco, 2013, p. 69)

“Os estados de possessão correspondem às nossas neuroses, para cuja explicação mais uma vez recorremos aos poderes psíquicos. A nossos olhos, os demônios são desejos maus e repreensíveis, derivados de impulsos instintuais que foram repudiados e reprimidos”

(Freud, 1923/1996)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Cap.1 CRIMINOLOGIA PSICANALÍTICA: A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO DE SABER.....	24
1. O estranho caso de Madame Lefebvre e a interpretação psicanalítica de uma criminosa.....	24
2. A questão criminal da obra de Freud.....	34
2.1. O paradigma da realidade psíquica como entrave à utilização da psicanálise na persecução penal.....	41
2.2. O criminoso em decorrência de um sentimento de culpa.....	56
2.3. O sistema penal em “Totem e tabu”	72
3. A construção do campo da criminologia psicanalítica e seus primeiros autores depois de Freud.....	88

3.1.	A pedagogia correicional aproximada da psicanálise de August Aichhorn.....	90
3.2.	Alexander e Staub: a medida da responsabilidade penal como participação do ego consciente na conduta.....	98
3.3.	Theodor Reik e o assassino que retorna ao local do crime.....	113
3.4.	Apontamentos de Sandor Ferenczi.....	120
4.	Conclusões parciais.....	125
Cap.2	O PARADIGMA DA REAÇÃO SOCIAL COMO DESAFIO À CRIMINOLOGIA PSICANALÍTICA.....	129
1.	Notas gerais sobre o paradigma da reação social e seu impacto na criminologia.....	129
2.	O paradigma das inter-relações sociais e a criminologia clínica de inclusão social.....	153
3.	A clínica da vulnerabilidade.....	172
4.	O conceito crítico de reintegração social.....	180
5.	Conclusões parciais.....	196

Cap.3 RUMO A UMA CRIMINOLOGIA PSICANALÍTICA LIBERTÁRIA.....	199
1. Apanhado geral acerca dos desafios na constituição de uma criminologia psicanalítica de viés libertário.....	199
2. Da sociedade narcísica à sociedade punitivista.....	204
2.1. A “cultura do narcisismo”: patologia social ou dimensão social do sintoma?.....	219
2.2. Os refugos da cultura consumista.....	229
2.3. O criminoso: estranho e demasiado próximo.....	234
3. O sistema penal permeado pela barbárie.....	245
3.1. Ilustração: duas cenas de um genocídio.....	249
3.1.1. Primeira cena: massacre do Carandiru – outubro de 1992.....	258
3.1.2. Segunda cena: crimes de maio de 2006.....	271
3.2. Barbárie e gestão das punições: notas sobre o mal estar, a política e o sistema penal.....	276
3.2.1. Kafka e o “pecado original”	288

	10
3.2.2. Conclusões acerca da barbárie civilizatória e do sistema penal a partir da psicanálise.....	295
4. Um lugar para a clínica.....	309
CONCLUSÕES.....	325
BIBLIOGRAFIA.....	331

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é a formulação de um modelo de criminologia psicanalítica que seja consentâneo com o paradigma criminológico da reação social, base paradigmática sobre a qual se assentam as vertentes criminológicas do conflito, conceitos que serão delimitados e explorados ao longo do texto.

Pretende-se, a partir de uma concepção crítica de criminologia, extrair da obra freudiana conceitos e ferramentas aptos à análise do sistema penal e da sociedade punitiva, levando a criminologia psicanalítica a uma tentativa de compatibilização com a viragem paradigmática do saber criminológico advinda da adoção das teorias do conflito.

A associação entre criminologia e psicanálise para os fins de pesquisa científica não é algo novo. Jorge de Figueiredo Dias e Manuel da Costa Andrade (1984, pp.184-209), assim como Alessandro Baratta (1999, pp. 49-58), chegam inclusive a apontar a existência de teorias psicanalíticas da criminalidade e da sociedade punitiva, representadas, entre outros, por Aichhorn, Ferenczi, Reik, Alexander e Staub, autores que serão tratados no primeiro capítulo deste trabalho.

Sobre a delimitação do campo da criminologia psicanalítica, expõem Dias e Andrade (1984, p. 184):

“A *criminologia psicanalítica* abrange todos os estudos, de índole teórica ou empírica, orientados pelo modelo fundamental da doutrina psicanalítica. No seu conjunto, a criminologia psicanalítica propõe-se dar resposta a dois tipos de questões: *explicar* o crime como ato individual e *analisar* a psicologia da *sociedade punitiva*, pondo em relevo as razões que levam a sociedade a ‘produzir’ o crime e puni-lo”.

Sigmund Freud, aliás, debruçou-se sobre a questão penal com certa profundidade em “Totem e Tabu”, afirmando que “os primeiros sistemas penais humanos podem ser remontados ao tabu” (FREUD, 1913/1996, p. 38). Assim, apesar de não ter escrito nenhum texto que tivesse como objeto central a criminologia, a proficuidade de suas incursões sobre o tema permitem afirmar que a fundação da criminologia psicanalítica deu-se com o próprio Freud.

Nesse sentido, cita-se, por exemplo, o texto em que Freud analisa, como um dos tipos de carácter encontrados no trabalho psicanalítico, o “criminoso em consequência de um sentimento de culpa” (Freud, 1916/1996, pp. 347-348). Também em “O ego e o id”, Freud volta a mencionar a relação entre o sentimento de culpa e a conduta criminosa (Freud, 1923/1996a, p. 65):

“Constituiu uma surpresa descobrir que um aumento nesse sentimento de culpa *Ics*. [inconsciente] pode transformar pessoas em criminosos. Mas isso indubitavelmente é um fato. Em muitos criminosos, especialmente nos principiantes, é possível detectar um sentimento de culpa muito poderoso, que existia antes do crime, e, portanto, não é seu resultado, mas sim o seu motivo. É como se fosse um alívio poder ligar esse sentimento inconsciente de culpa a algo real e imediato”.

As aproximações entre criminologia e psicanálise, com efeito, tiveram o mérito de romper com o pensamento dominante à época, derivado da antropologia criminal lombroseana¹, no sentido de que o indivíduo criminoso seria um ente psicologicamente e biologicamente distinto do indivíduo normal. As pulsões e tendências criminais, de acordo com os expoentes da criminologia psicanalítica, estariam presentes em todos os indivíduos, sendo papel dos freios inibitórios psíquicos impedirem a passagem ao ato.

¹ Sobre os fundamentos da escola positiva da criminologia, também denominada antropologia criminal italiana, cf., sobretudo, o grande livro de Cesare Lombroso (2007), “O homem delinquente”.

Não obstante a criminologia psicanalítica sempre tenha sido um discurso marginal quando comparado à antropologia criminal positivista, uma vez que negava a anormalidade congênita do criminoso, Dias e Andrade (1984, p. 184) anotam que, a partir dos anos vinte do séc. XX, considerados sua “época de ouro”, esse enfoque sobre a criminologia teve grande expansão, influenciando um sem número de autores e práticas.

Contudo, como será demonstrado no primeiro capítulo deste trabalho, as aproximações psicanalíticas iniciais da criminologia tenderam precipuamente para o objetivo de exame da personalidade do indivíduo criminoso, deixando de expandir a crítica freudiana à sociedade punitiva que decorre principalmente de seus “textos sociais”.

Assim, o modelo de criminologia psicanalítica que se constituiu acabou por assumir uma feição eminentemente etiológica e, portanto, em grande medida, legitimadora do poder punitivo.

Por essa razão, as articulações entre criminologia e psicanálise acabaram por sofrer um colapso no curso da segunda metade do século XX, ao menos no meio acadêmico, tendo-se em vista que a adoção do paradigma da rotulação social passou a promover uma alteração estrutural do objeto de enfoque da criminologia.

Assim, ainda que, na prática da execução penal, as teorias psicanalíticas ainda sejam usadas como suporte para o fazer do criminólogo clínico, o advento de um novo olhar sobre a sociologia do desvio acabou por colocar em xeque a pertinência de se investigar a psique do criminoso enquanto tal, trazendo um problema paradigmático ao próprio objeto de estudo da criminologia.

O *labelling approach* – também denominado enfoque do etiquetamento ou teoria da rotulação social – consiste em uma corrente sociológica surgida nos Estados Unidos, no início da década de 1960, cuja tese principal é a de que o desvio é criado pela sociedade, não sendo

um ato desviante por suas características intrínsecas, mas pela atribuição dessa qualidade que lhe é conferida pelo entorno social (Becker, 1997, p. 9).

Esse enfoque, aplicado à criminologia, abandona a ideia de que o crime guarda em si uma realidade sociológica ou ontológica, sendo imbuído tão somente de uma realidade definitorial. O ato desviante, nessa esteira, nada mais é que o ato que foi definido como tal por uma norma social.

De acordo com Maíllo (2008, pp. 257-258), o enfoque do etiquetamento sobre o pensamento criminológico possui basicamente duas implicações. Em primeiro lugar, que nenhum ato é delitivo em si mesmo, sendo que

“delitivo ou desviado é aquilo que se define como tal pela comunidade ou pelos órgãos do sistema de Administração da Justiça. A chave para que algo seja delitivo, portanto, não reside tanto em suas características intrínsecas, mas no etiquetamento que dele se faça” (idem, ibidem).

Em segundo lugar, tal enfoque leva à conclusão de que a atribuição do caráter de desviante ao indivíduo não decorre da prática do ato considerado desviado em si – desviação primária –, mas depende de uma “desviação secundária”, entendida como uma alteração identitária da pessoa e de suas relações com o corpo social.

No campo criminal, os efeitos estigmatizantes e degradantes do processo e da pena desnudam de forma clara o modo pelo qual são promovidas alterações graves na identidade social dos indivíduos selecionados pelo sistema penal. Nas palavras de Baratta (2002, p. 89), segundo o enfoque do etiquetamento,

“a mais importante consequência da aplicação de sanções consiste em uma decisiva mudança da identidade social do indivíduo; uma mudança que ocorre logo no momento em que é introduzido o status de desviante”.

A adoção dos preceitos da rotulação social pela criminologia, portanto, gerou uma viragem paradigmática quanto ao seu objeto de estudo. Se o delito não é um ato

ontologicamente desviante, não faz sentido que se busque a etiologia da conduta por meios e métodos diferenciados daqueles empregados comumente pelas “ciências da psique” ao analisarem atos e indivíduos que não sejam rotulados como criminosos.

A criminologia, portanto, passa a se interessar, para além do ato considerado desviante, pelo sistema punitivo que seleciona e individualiza condutas e sujeitos como alvo da violência penal.

É certo, diga-se, que a viragem à qual se refere não exclui a coexistência do paradigma tradicional, de cerne etiológico, por grande parte da literatura nos tempos atuais. Assim como qualquer outra ciência humana, não há que se falar em consenso quanto à adoção de um ou outro paradigma na criminologia. O fato é, contudo, que a produção acadêmica recente na área não poderá desconsiderar o paradigma da reação social, sob pena de constituir-se como discurso meramente legitimante das práticas de violência institucional.

Nesse sentido, são tributárias do *labelling approach* as teorias criminológicas críticas ou do conflito, que se debruçam sobre a sociedade punitiva em detrimento do indivíduo criminoso isolado.

Ocorre que o paradigma da reação social coloca em xeque a aplicação das “ciências da psique” no âmbito da criminologia. Posto que se reconheçam os méritos da criminologia psicanalítica da primeira metade do século XX, especialmente por ter rompido com a dicotomia entre crime e normalidade, essa linha de pesquisa criminológica acabou relegada, pelos autores críticos, à “vala comum” da criminologia tradicional, que busca no íntimo do indivíduo as razões pelas quais se tornou (ou mesmo nasceu) criminoso.

Nesse sentido, vale citar a avaliação da criminologia psicanalítica feita por Baratta (1999, p. 57):

“Não obstante a importante função crítica exercida pelas teorias psicanalíticas da criminalidade em face da ideologia da defesa social, é necessário dizer que aquelas não conseguiram superar os limites fundamentais da criminologia tradicional. De fato, tais teorias geralmente se apresentam, à semelhança das teorias de orientação positivista – das sociológicas não menos que das biológicas –, como a etiologia de um comportamento, cuja qualidade *criminosa* é aceita sem análise das relações sociais que explicam a lei e os mecanismos de criminalização”

Pois bem. É a partir desse impasse que se constroi a presente investigação teórica, tendente a buscar formas de convergência entre a psicanálise e a criminologia de orientação libertária. Por criminologia de viés libertário, entendemos uma aproximação teórica não comprometida em legitimar o exercício do poder punitivo.

Em outras palavras, o cerne do presente trabalho, apropriando-se da crítica de Baratta, seria levar a criminologia psicanalítica a “superar os limites fundamentais da criminologia tradicional” (*idem, ibidem*). Eis, portanto, a proposta de contribuição original da presente pesquisa.

É certo que a extensa obra psicanalítica de Sigmund Freud inicia-se a partir da análise de casos clínicos, por meio das narrativas do tratamento, pelo método de livre associação, das “histéricas vienenses” (Freud, 1895/1996), o que poderia justificar que a criminologia psicanalítica se compusesse como um saber voltado para o indivíduo em detrimento do seu meio.

Ocorre que, tendo atravessado em vida uma das grandes guerras mundiais e o início da outra, assim como o declínio do otimismo da “Belle Époque”, Freud expandiu imensamente, ao longo de sua produção, o espectro de interesses sobre os quais a psicanálise recairia. Nesse sentido, a última grande obra de Freud debruça-se sobre o sistema religioso judaico-cristão (1939/1996), extravasando muito o interesse exclusivamente clínico.

Os “textos sociais” de Freud são reconhecidamente ferramentas teóricas valiosas para a leitura das relações de poder e submissão que permeiam a sociedade, bem como do interjogo

das as estruturas sociais e a psique. São assim, recepcionados e apropriados por diversos autores da filosofia e das ciências sociais.

Propomos, neste trabalho, uma aproximação da psicanálise na qual os “textos sociais”, por vezes relegados pelas comunidades psicanalíticas a meras curiosidades, componham a visão de mundo da psicanálise, como elementos em relação aos quais os textos propriamente clínicos não podem ser lidos de forma apartada. Logo, deve-se buscar entender o sintoma não apenas como manifestação a ser trabalhada na clínica individual, mas como uma formação que contém, necessariamente, uma dimensão social².

No mais, a aproximação entre as ciências sociais e a psicanálise é justificada por Enriquez na medida em que essa contém em si um sem número de conceitos “transespecíficos”, ou seja, “conceitos que, ainda que nascidos em uma região particular do saber, podem ser retrabalhados fora de suas regiões originais e, após terem passado por transformações indispensáveis, podem esclarecer sobre a realidade de outras regiões” (Enriquez, 1999, p. 16).

A obra freudiana, ao debruçar-se sobre a cultura e a sociedade, traz à luz uma concepção sombria sobre o social, colocando a culpa como elemento central na gênese e na manutenção da civilização.

O mito do pai da horda³, enunciado por Freud em “O retorno do totemismo na infância”, que compõe “Totem e tabu” (1913/1996, p. 146-147), constitui a reminiscência fundamental sobre a qual repousa o conceito de humano para a psicanálise. A inserção do

² Nesse sentido, em “Psicologia das massas e análise do ego”, Freud nega a dicotomia entre psicologia individual e psicologia social, afirmando que o que conforma a psicologia individual é, justamente, a introjeção de modelos e as relações que se estabelecem entre o indivíduo e as pessoas de seu entorno desde tenra idade. Em outras palavras, carece de sentido uma tentativa de separação rígida entre o individual e o coletivo em psicologia, uma vez que não há psicologia individual sem a existência do outro (Freud, 1921/1996, pp. 81-82).

³ O mito do pai da horda, exposto em “Totem e tabu” (Freud, 1913/1996), será objeto deste trabalho em seu primeiro capítulo.

indivíduo no plano social vem da adesão à culpa fundamental, derivada do crime originário e repetida na história individual por meio do complexo de Édipo.

Segundo Enriquez, “Totem e tabu” provoca o aparecimento de uma teoria radical acerca dos fenômenos sociais, “fazendo a humanidade nascer de um crime cometido em conjunto, crime do qual a humanidade não pode jamais se liberar” (Enriquez, 1999, p. 29). A culpa que advém desse crime fundamental permeia, assim, a cultura e a civilização, sendo indissociável do conceito de humano.

Essa culpa coletiva e inconsciente, advinda de um assassinato esquecido, é temática que se tornará uma constante na obra freudiana, culminando na concepção de cultura externada em *O mal-estar na civilização* (Freud, 1996d). O mal-estar afasta a possibilidade de felicidade na civilização⁴, sendo a culpa, ao lado das hostilidades ambientais, o fator que se coloca na gênese da cultura.

⁴ A rigor, não seria apenas no âmbito da civilização que a felicidade seria impossível. Em “O mal-estar na civilização”, Freud (1930/1996) postula que a busca infrutífera pela felicidade seria algo ínsito à própria condição humana. Freud entende a felicidade como a realização do “programa do princípio do prazer” (*idem*, p. 84). Tal feito, contudo, coloca-se como tarefa inexequível, tendo-se em vista que a existência humana dá-se em meio a um ambiente hostil, onde as intempéries, os limites do corpo e as relações sociais são causas constantes de sofrimento. Nesse sentido: “Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano da ‘Criação’” (*idem, ibidem*). Logo, o que Freud postula é que a busca pela felicidade não seria mais que uma expectativa irrealística de retorno a um “sentimento oceânico” (*idem*, p. 73), entendido como etapa inicial do psicodesenvolvimento, no qual o bebê recém-nascido não teria desenvolvido a percepção de diferenciação entre si próprio e o mundo. O confronto com as hostilidades externas e internas forçaria a criança à adesão ao princípio da realidade, desenvolvendo a capacidade de postergação da satisfação do próprio desejo em nome da evitação de uma dor maior. Contudo, essa fase do narcisismo primário ficaria registrada no plano inconsciente, fornecendo uma possível explicação para a incessante busca por uma felicidade inatingível. A civilização, por seu turno, consistiria em uma tentativa frustrada de construção de uma felicidade, trazendo algum alívio paliativo pra o mal-estar, mas produzindo outras formas de mal-estar, eis que sua construção encontra-se permeada pela culpa e pela pulsão de morte. Para uma investigação mais profunda acerca do estatuto da felicidade na obra freudiana, cf. Inada (2011).

Nesse sentido, o sistema penal pode ser enxergado como um aparato tendente ao manejo da culpa no nível social, fabricando culpados e favorecendo a projeção do mal sobre os indivíduos que tradicionalmente constituem a clientela preferencial do sistema repressivo.

Hulsman, em sua proposta abolicionista, reconhece essa funcionalidade de fabricação de culpados do sistema penal, que nada tem a ver com as teorias tradicionais que tentam justificar a existência do aparato repressivo⁵ (Hulsman e Celis, 1993, p. 67):

“...o sistema penal fabrica culpados, na medida em que seu funcionamento mesmo se apóia na afirmação da culpabilidade de um dos protagonistas, pouco importando a compreensão e a vivência que os interessados tenham da situação. (...). Quando o sistema penal se põe em marcha, é sempre contra alguém, a quem a lei designa como culpável para que seja condenado”.

É a partir da ideia de culpa – e de que forma essa culpa mortífera permeia as instituições da cultura –, que se pretende nortear a pesquisa que ora se apresenta. Sendo a culpa um elemento central na teoria social para a psicanálise, parece pertinente que um estudo sobre o sistema penal, a partir dos textos freudianos, leve em conta a funcionalidade desse sistema de rotulação do culpado, sobre quem será desencadeada a violência institucional, colocando-se em ação um mecanismo projetivo que encontra em uma vítima expiatória uma via fácil para a manutenção da coesão social e para a manutenção do “status quo”.

Retomando-se a ideia posta por Freud (1913/1996, p. 38), que será exposta em mais detalhes no primeiro capítulo, segundo a qual os sistemas penais humanos remontam ao tabu, é possível transferir-se à punição penal as observações de Freud sobre a necessidade sentida pela sociedade em punir aquele que violou o tabu, mantendo-se em equilíbrio uma “economia dos desejos e da agressão” no seio social, às custas do sacrifício do condenado, ora entendido como vítima expiatória.

Assim, como se vê, as possibilidades de intersecção entre a psicanálise e a criminologia vão muito além da abordagem etiológica do indivíduo tido como criminoso.

⁵ Para uma visão tradicional sobre as ditas “funções da pena”, cf., p. ex., Marques (2008).

Partindo-se da proposta das teorias do conflito, segundo as quais o objeto de estudo da criminologia deve ser os sistemas de opressão e inflição da punição, os “textos sociais” de Freud constituem uma ferramenta teórica ímpar no desenvolvimento de modelos explicativos e de proposições.

Nesse sentido, o conceito de culpa, conforme trabalhado na seara da psicanálise, parece ser um instrumento hábil a apontar para o caráter falacioso das tradicionais funções da pena, conforme desenvolvidas pelos penalistas.

O presente trabalho, portanto, tem como meta o resgate da criminologia psicanalítica, a partir de uma perspectiva libertária, buscando a convergência entre o saber psicanalítico e as abordagens da criminologia que levam em conta o paradigma da reação social, ou seja, que se propõem à análise crítica do sistema punitivo e da violência penal.

O enfoque nos “textos sociais” de Freud, a par dos textos clínicos, tem o condão de fugir do paradigma etiológico individualista tradicional, enxergando na psicanálise uma ferramenta possivelmente emancipadora que, ao revés de categorizar anormalidades e legitimar intervenções repressoras, foca-se na sociedade punitiva como objeto de estudo e crítica. Na dicção de Carvalho (2008, p. 212): “O espaço de diálogo criado entre os discursos da criminologia e da psicanálise possibilita, portanto, a transvalorização dos valores morais que sustentam a cultura punitiva contemporânea”.

Em suma, a pesquisa pretende, portanto, chegar à proposição de uma hipótese compreensiva da punição penal a partir da psicanálise, especialmente no que concerne ao conceito de culpa, conforme trabalhado na leitura conjugada entre os textos clínicos e os textos sociais de Sigmund Freud.

A partir desse olhar deslegitimante da punição, como se verá, poderá ser possível, inclusive, a proposição de um novo lugar para a clínica na seara da criminologia: uma

criminologia clínica que se volte, em vez de legitimar a punição, a minorar os efeitos da violência penal.

Tais objetivos principais, contudo, dependem da perquirição de diversos outros pontos, motivo pelo qual se expõe, brevemente, um resumo das questões que serão enfrentadas.

A pesquisa terá como primeira meta, a ser perseguida capítulo inaugural, a discussão e delimitação do próprio tema e a revisão bibliográfica das principais aproximações entre criminologia e psicanálise. Nesse sentido, sendo necessário que se faça um corte metodológico, não serão enfrentadas as aproximações entre criminologia e psicanálise derivadas da obra de autores considerados pós-freudianos, restringindo-se a pesquisa ao pensamento de Freud e de seus seguidores primeiros e diretos, que não introduziram grandes modificações estruturais em seu pensamento⁶.

A rigor, o primeiro capítulo terá como norte o aprofundamento das incursões de Freud sobre o tema, a fim de que se perceba que a hipótese libertária que ora se pretende construir nada mais representa que uma exploração da vocação libertária e insubmissa que já constava, ao menos como um elemento latente, de seus escritos. Ainda, serão analisadas as principais linhas das obras pertinentes ao tema dos primeiros autores a ocuparem-se da matéria depois de Freud: Aichhorn, Alexander e Staub, Reik e Ferenczi.

A seguir, no segundo capítulo, far-se-á necessária a explicação da viragem paradigmática no âmbito da criminologia, no que toca ao seu objeto de estudo, demonstrando como esse saber passa a se preocupar com a sociedade punitiva e de que modo essa viragem coloca em xeque a criminologia psicanalítica.

⁶ Para que o leitor possa ter uma noção dos encaminhamentos da criminologia psicanalítica dados pelos autores considerados pós-freudianos, no seio da “escola inglesa”, remete-se aos dois artigos de Melanie Klein sobre o tema (1996 e 1996a), bem como à coletânea de artigos de Winnicott (2005) sobre as realações entre privação emocional e delinquência. No âmbito da “escola francesa”, indicam-se dois artigos sobre criminologia psicanalítica redigidos por Jacques Lacan (1998 e 2003), bem como aos trabalhos de Daniel Lagache (1993).

Por fim, no último capítulo, será possível a proposição de um modelo de criminologia psicanalítica não legitimante da punição. Tal modelo repousará, basicamente, em três eixos: i) uma hipótese compreensiva da sociedade punitiva à luz da psicanálise; ii) uma apreciação acerca das práticas de violência institucional e opressão penal a partir da concepção de civilização de Freud e, por fim, iii) a proposição de um novo lugar para o fazer da criminologia clínica de vertente psicanalítica, que traga a reboque a possibilidade de retrabalhar a culpa e a pena no âmbito da execução penal.

Desse modo, insere-se o trabalho em um movimento de abertura das ciências jurídicas à colaboração de outras áreas do conhecimento. No caso, pretende-se, por meio da psicanálise, chegar-se a meios de reformulação e reelaboração crítica das estratégias de execução penal e de política criminal⁷.

Trata-se de uma pesquisa teórica, consistente em revisão bibliográfica e proposição de conclusões inovadoras a partir da aplicação das ferramentas teóricas eleitas – essencialmente os textos freudianos – ao objeto de estudo da criminologia.

Conforme bem asseverado por Shecaira (2004), a Criminologia vale-se do método indutivo, sendo inclusive essa a tônica que a distingue da dogmática penal. Dessarte, a análise do fenômeno pesquisado deverá proceder-se sem a mediação de estruturas formais ou de dogmas legais, buscando-se um contato direto com o objeto.

A pesquisa será realizada, ainda, desde uma perspectiva interdisciplinar. Desse modo, partir-se-á de conceitos oriundos da psicanálise a fim de que se possam criar propostas de leitura acerca do direito, do processo e da política criminal. No mais, pode-se,

⁷ Este autor, em sua pesquisa em nível de mestrado, empenhou-se em tentativa similar, valendo-se dos achados e postulados psicanalíticos para uma tentativa de compreensão e de desenvolvimento de encaminhamentos político-criminais no eu toca ao fenômeno das facções criminosas brasileiras. O resultado dessa pesquisa, em relação à qual o presente trabalho pode ser visto como uma continuação e um aprofundamento, pode ser lido em Shimizu (2011a).

incidentalmente, recorrer ao método dedutivo nas exegeses de textos legais que se fizerem necessárias.

CONCLUSÕES

Acerca da questão da ética para Freud, Patrick Guyomard resgata trechos da correspondência entre o fundador da psicanálise e Oskar Pfister, um pastor interessado pela psicanálise com quem ele travou interessantes discussões. Em determinado ponto, Freud, de forma provocativa, escreve a Pfister que “a ética lhe é estranha”, completando (Freud *apud* Guyomard, 2007, p. 50):

“Eu não quero quebrar muito a cabeça a respeito do bem e do mal, mas, em média, só descobri muito pouco bem entre os homens. Segundo o que sei, a maior parte deles não passa de escória, que invoca a ética desta ou daquela doutrina ou de nenhuma. (...) Isso o senhor não pode dizer em voz alta e talvez não possa nem mesmo pensá-lo em sua cabeça, embora sua experiência de vida não possa ser muito diferente da minha. Se é preciso falar de uma ética, quanto a mim, eu professo um ideal elevado, do qual os ideais que me são conhecidos se afastam, em geral, de uma maneira das mais aflitivas”

Nessa colocação, Freud afirma sua posição quanto às ideologias, às visões de mundo prontas e acabadas. Posta-se contrariamente às doutrinas e as religiões. Os ideais que lhe foram apresentados afastam-se do “ideal elevado” que ele afirma professar.

Rechaçando a ética enquanto doutrina, Freud adere à concepção radical de autonomia como única saída para que não tenhamos o mesmo destino da escória a que ele se refere, obediente a postulados e dogmas irrefletidos.

Ao buscar uma ética em Freud, assim, Guyomard (*idem*, p. 51) afirma que essa busca tem como resultado, quando muito, o encontro de uma ética pessoal, que não se pretende universal e que não se quer impor a ninguém. Desse ponto de vista, segundo Guyomard (*idem, ibidem*), “existe uma só ordem à qual Freud se comparava: a dos artistas”.

Posto que a questão da ética não seja manifesta na obra freudiana, percebe-se que sua trajetória enquanto cientista e pensador foi marcada pelo exercício da autonomia e, sobretudo, pela resistência contra a opressora hegemonia das normas postas e das fórmulas prontas.

Em seu percurso, Freud colocou-se como crítico da moralidade burguesa e da repressão sexual, escandalizando a academia e o pensamento ocidental ao colocar-se frente a frente com as questões mais obscuras que permeiam a alma humana.

Enfrentou o discurso médico, ao preconizar “a cura pela fala” como um método novo, apartado da medicina e, assim, aberto às contribuições da arte, da filosofia e do pensamento social.

Ao postular a descoberta do inconsciente, destronou a razão humana do posto imaculado e onipotente no qual o pensamento iluminista a havia colocado.

Ao pensar a cultura, Freud afirmou-se como crítico do Estado, das instituições pretensamente racionais e das ideologias políticas, apontando para as determinações inconscientes e primitivas que animam tais manifestações.

Freud foi perseguido pelo nazismo, quer por sua judeidade, quer pela “imoralidade” de seu pensamento. Conforme relata Jones, contudo, mesmo depois de ver a Áustria dominada pelos nazistas e seus livros serem queimados em praça pública na Alemanha, Freud recusava-se a abandonar o lugar em que nascera. Quando Jones tentou convencê-lo a deixar a Áustria, ele retrucou: “não podia deixar seu país nativo, seria como se um soldado desertasse de seu posto” (Jones, 1970, p. 755).

Freud enxergava-se, portanto, como um soldado, mas um soldado armado apenas com suas ideias e suas palavras. Um soldado que, em toda oportunidade que teve, denunciou o absurdo da guerra.

Já bastante idoso, quando finalmente foi convencido a deixar a Áustria, Freud foi obrigado pelos nazistas a assinar um termo afirmando que “teria sido bem tratado pelas autoridades alemãs”. Desafiando seus perseguidores e arriscando-se a si próprio, ele não perdeu a oportunidade de, ironicamente, acrescentar uma sentença ao termo: “Posso de coração recomendar a Gestapo a qualquer pessoa” (*idem*, p. 761).

Exilado na Inglaterra e sofrendo o desgosto de saber que morreria longe de sua terra, surpreendentemente, Freud dedica-se, em sua última grande obra de fôlego (Freud, 1939/1996), a esmiuçar de maneira crítica e “invenção do judaísmo”, demonstrando que, mesmo diante das circunstâncias políticas e pessoais mais adversas, não deixaria de exercer sua função perturbadora das certezas e de colocar-se sempre ao lado da desconstrução das formas dogmáticas de pensamento.

Diante dessa breve retrospectiva, que demonstra como a vida e a obra de Freud sempre foram radicalmente questionadoras e insubmissas, causa espécie que a maior parte de seus seguidores, ao lançar o olhar da psicanálise em direção aos sistemas punitivos, tenha se colocado ao lado da legitimação das práticas institucionais de castigo e repressão.

Conforme pretendemos ter demonstrado ao longo dessa pesquisa, a psicanálise, conforme inventada por Freud, constitui uma maneira essencialmente libertária de ver o mundo, a cultura e a humanidade. Trata-se de um discurso aberto, em interminável construção, incompatível com a punição, o aprisionamento e a dominação do outro.

Se há um papel que a psicanálise pode exercer sobre os discursos da criminologia (e esperamos ter demonstrado isso), esse papel é o de constante questionamento das certezas, de

uma busca incessante pelo que há de recalcado nas práticas institucionais e nas produções acadêmicas.

Nosso ensaio rumo à constituição de uma criminologia psicanalítica libertária tem a pretensão, por um lado, de fazer justiça à psicanálise e, por outro, de demonstrar aos criminólogos o quanto o ferramental psicanalítico constitui uma arma potente para a desconstrução do punitivismo, da barbárie que permeia o sistema penal e do trauma que resta da ação de um aparato genocida.

A psicanálise permite o desferimento de um golpe mortal sobre os discursos hipócritas que sustentam a autoridade do direito criminal que, ao fim, resume-se a uma forma politicamente blindada de exercício de uma violência mortífera.

Enquanto discurso aberto e em infundável construção, perturbador das verdades postas, a psicanálise – e, conseqüentemente, a criminologia psicanalítica que se quer construir – aproxima-se do abolicionismo penal de que nos fala Mathiesen.

Para Mathiesen (1974, pp. 13-28), a força do discurso abolicionista reside justamente em seu caráter aberto (*unfinished*), que se recusa a trazer respostas prontas, mas permanece como espírito crítico das práticas e das ideias hegemônicas.

Conforme postula Mathiesen (*idem*, p. 25):

“O abolicionismo, em outras palavras, manifesta-se quando nós rompemos com a ordem estabelecida e *ao mesmo tempo* encaramos terrenos ainda não construídos. Isso significa que a abolição e o primeiro estágio do interminável são uma única coisa. O momento da liberdade é o momento da entrada em um novo terreno. A liberdade é a ansiedade e o prazer envolvidos no ato de adentrar um campo desconhecido ou vazio”.⁸

⁸ Tradução livre do autor. Do original (Mathiesen, 1974, p. 25): “Abolition in other words takes place when we break with the established order and *at the same time* face unbuilt ground. This is to say that the abolition and the very first phase of the unfinished are one and the same. The moment of freedom is that of entering unbuilt ground. Freedom is the anxiety and pleasure involved in entering a field which is unsettled or empty”.

Nesse sentido, uma criminologia psicanalítica não poderia ser outra coisa que não abolicionista, tendo-se em vista sua vocação de, em vez de construir certezas e dogmas, sempre erodi-los, a partir de um pensamento radicalmente crítico.

Esse potencial deslegitimante das práticas punitivas e do sistema penal da psicanálise foi justamente o que quisemos demonstrar com nossa pesquisa.

Em termos mais práticos, contudo, enquanto o abolicionismo afigura-se-nos como um horizonte que ainda não sabemos como alcançar, parece-nos que as aproximações entre criminologia e psicanálise intentadas neste trabalho possuem dois papéis principais.

O primeiro deles, talvez mais modesto, diz respeito à constituição de uma clínica psicanalítica da vulnerabilidade, a partir de sugestões e encaminhamentos psicanalíticos que possam auxiliar o sujeito criminalizado a encontrar formas saudáveis de subjetivação, desnaturalizando o sofrimento psíquico que atinge as classes marginalizadas a partir da inserção em uma sociedade excludente.

Nesse sentido, esperamos ter traçado alguns encaminhamentos teóricos a fim de reorientar o trabalho dos técnicos, pesquisadores e do voluntariado, retirando o fazer criminológico clínico do paradigma legitimador que hoje o absorve.

O segundo papel diz respeito, na dicção de Zaffaroni (2012, p. 461), à contribuição para a constituição de uma “criminologia cautelar preventiva de massacres”. O pensamento social freudiano aplicado à questão criminal, a partir da temática da barbárie civilizatória, nos demonstra como o sistema penal é um ambiente propício para massacres.

Nesse sentido, a psicanálise, ao revelar incansavelmente os conteúdos recalcados nas práticas punitivas institucionais, coloca-se como alerta permanente contra a barbárie e, assim, pode exercer algum papel na evitação ou na atenuação das práticas genocidas que são inerentes à gestão social dos castigos.

De toda forma, seja pelo seu aspecto clínico, seja pela sua incursão pelo pensamento social, uma criminologia psicanalítica essencialmente libertária tem como missão (pretensiosa, por certo e – quem saberá? – talvez até fadada ao insucesso) colocar-se ao lado de Eros na eterna luta entre os “Poderes Celestiais”.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Sérgio e SALLA, Fernando. *Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC*. In *Estudos Avançados*, n. 61, 2007, pp. 7-29.

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção: homo sacer II*, 1. trad. port. de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. trad. port. de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

_____. *O que resta de Auschwitz: homo sacer III*. trad. port. de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

AICHORN, August. *Juventud desamparada*. trad. esp, de R. del Portillo. Barcelona: Gedisa, 2006.

ALADIO, Anastacio Dullius e HARTMAN, Jackson André Müller. *Análise do sistema prisional brasileiro*. In *Anbto Jurídico*. s.d. Disponível em <http://ambito-juridico.com.br/site/?artigo_id=10878&n_link=revista_artigos_leitura>. Acesso em 25 de novembro de 2014.

- ALENCAR, Sandra Luzia de Souza. *A experiência do luto em situações de violência: entre duas mortes*. São Paulo, tese de doutoramento, PUC, 2011.
- ALEXANDER, Franz e STAUB, Hugo. *O criminoso e seus juízes*. trad. port. de Leonidio Ribeiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1934.
- ALMEIDA PRADO, Lúcia Reis de. *O juiz e a emoção: aspectos da lógica da decisão judicial*. 2ª ed. Campinas: Millennium, 2003.
- ALVES, Taiara Souto. *Dos quartéis aos Tribunais: a atuação das Auditorias Militares de Porto Alegre e Santa Maria no julgamento de civis em processos políticos referentes às Leis de Segurança Nacional (1964-1978)*. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2009.
- AMARAL, Cláudio do Prado. *Princípios penais: da legalidade à culpabilidade*. São Paulo: Ibccrim, 2003.
- ANDERS, Günther. *Kafka: pró e contra – os autos do processo*. trad. port. de Modesto Carone. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- ANDRADE, Lédio Rosa de. *Violência: psicanálise, direito e cultura*. Campinas: Millennium, 2007.
- ANDRADE, Vera Pereira Regina de. *Do paradigma etiológico ao paradigma da reação social: mudança e permanência de paradigmas criminológicos na ciência e no senso comum*. In *Sequência*, UFSC, Florianópolis, v. 16, n. 30, 1995, pp. 24-36.
- ANGOTTI, Bruna. *Breves notas sobre o abolicionismo penal*. In *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, ano 17, n. 80, 2009, pp. 247-279.

ANITUA, Gabriel Ignacio. *Histórias dos pensamentos criminológicos*. trad. port. de Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

ARÁN, Márcia e PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. *Vulnerabilidade e vida nua: bioética e biopolítica na atualidade* In *Revista de saúde pública*, vol. 41, n. 5, 2007, pp. 849-857. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v41n5/5774.pdf>> Acesso em 14 de dezembro de 2010.

ARAÚJO, Claudio Theotonio Leotta de. *A criminologia clínica e a lei penal*. In *Boletim Ibccrim*, São Paulo, n. 62, pp. 8-9, jan. 1998.

ARAUJO, Fernanda Carolina de. *A teoria criminológica do 'labeling approach'*. In *Boletim Ibccrim*, São Paulo, ano 15, n. 177, p. 8, ago. 2007.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. trad. port. de José Ruben Siqueira. 11ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Origens do totalitarismo*. trad. port. de Roberto Raposo. 10ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud e as ciências sociais: psicanálise e teoria da cultura*. trad. port. de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2012.

BARATTA, Alessandro. *Criminologia crítica e crítica do direito penal: introdução à sociologia do direito penal*. trad. port. de Juarez Cirino dos Santos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

_____. *Resocialización o control social: por un concepto critico de reintegración social del condenado*. Ponencia presentada en el seminario "Criminología crítica y sistema penal", organizado por Comisión Andina Juristas y la Comisión Episcopal de Acción

Social, en Lima, del 17 al 21 de Septiembre de 1990. Disponível em <http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&ved=0CDYQFjAD&url=http%3A%2F%2Fperso.unifr.ch%2Fderechopenal%2Fassets2Ffiles%2Farticulos%2Fa_20120608_01.pdf&ei=jmoJVJq7CZPgATJ_IDACw&usg=AFQjCNHDnQDhisevVVxOFTZk1ABurGxZFA&sig2=PE-1JuuRYKvWORWkfmwHxw&bvm=bv.74649129,d.cWc>. Acesso em 3 de setembro de 2014.

BARCELLOS, Caco. *Rota 66: a história da polícia que mata*. 7ª ed. São Paulo: Record, 2006.

BARROS, Carmen Silvia de Moraes. *A individualização da pena na execução penal*. São Paulo: RT, 2001.

_____ e JUNQUEIRA, Gustavo Octaviano Diniz. *Exame criminológico: hora de por fim ao equívoco!* In *Boletim Ibccrim*, São Paulo, n. 215, pp. 3-4, out. 2010.

BARROS, Romildo do Rêgo. *Compulsões e obsessões: uma neurose do futuro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BATISTA, Nilo. *Introdução crítica ao direito penal brasileiro*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

_____. *A lei como pai*. In *Passagens: revista internacional de história, política e cultura jurídica*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 2010, pp. 20-38.

BATISTA, Vera Malaguti. *Introdução crítica à criminologia brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2012.

_____. *A nomeação do mal*. In MENEGAT, Marildo e NERI, Regina (orgs.). *Criminologia e subjetividade*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2005. pp. 41-46.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. trad. port. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. trad. port. de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. trad. port. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECKER, Howard S. *Outsiders: studies in the sociology of deviance*. s.e. Nova Iorque: Free Press, 1997.

BELLOQUE, Juliana Garcia e FRANCO, Alberto Silva. *Fixação da pena*. In FRANCO, Alberto Silva e STOCO, Rui. *Código Penal e sua interpretação: doutrina e jurisprudência*. 8ª ed. São Paulo: RT, 2007, pp. 337-350.

BENEDETTI, Juliana Cardoso. *Justiça restaurativa: contribuições para seu aprimoramento teórico e prático*. In SÁ, Alvino Augusto de e SHECAIRA, Sérgio Salomão. (orgs.). *Criminologia e os problemas da atualidade*. São Paulo: Atlas, 2008, pp. 276-294.

_____. *Tão próximos, tão distantes: a justiça restaurativa entre comunidade e sociedade*. Dissertação de mestrado, São Paulo, USP, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte*. In *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. trad. port. de Sérgio Paulo Rouanet. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, pp. 147-178.

BERISTAIN, Antonio. *Nova criminologia à luz do direito penal e da vitimologia*. trad. port. de Cândido Furtado Maia Neto. Brasília: UnB, 2000.

- BIANCHINI, Alice. *Verdade real e verossimilhança fática*. In *Boletim Ibccrim*, São Paulo, n. 67, jun. 1998, pp. 10-11.
- BION, Wilfred R. *Dinâmica do grupo: uma revisão*. In KLEIN, Melaine, HEIMANN, Paula e MONEY-KIRLE, Roger E. (coords.). *Temas de psicanálise aplicada*. trad. port. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, pp. 163-206.
- BIRMAN, Joel. *Nas fronteiras da barbárie*. In *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, pp. 79-103.
- _____. *Passagem ao ato na constituição da criminologia psicanalítica*. In *Discursos sediciosos: crime, direito e sociedade*, ano 15, n. 17/18, 2010, pp. 119-135.
- _____. *Saberes do psíquico e criminalidade*. In *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006a, pp. 277-296.
- BONAPARTE, Marie. *Le cas de Madame Lefebvre*. In *Revue Française de Psychanalyse*, n. 1, 1927, pp. 149-205.
- BORELLI, Hélvio e RODRIGUES, Karina Florido. *Vozes do Carandiru*. São Paulo: Jaboticaba, 2007.
- BORGES, Luiz Angelo. *Homossexualismo (masculino e feminino) e delinquência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- BRAGA, Ana Gabriela Mendes. *A identidade do preso e as leis do cárcere*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2008.

_____. *Preso pelo estado e vigiado pelo crime: as leis do cárcere e a construção da identidade na prisão*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

_____. *GDUCC: apresentação, trajetórias e algumas reflexões*. In SÁ, Alvino Augusto de, BRAGA, Ana Gabriela Mendes, BRETAN, Maria Emilia Accioli Nobre e CALDERONI, Vivian (coords.). *GDUCC: Grupo de diálogo universidade-cárcere-comunidade: uma experiência de integração entre a sociedade e o cárcere*. Brasília: Ministério da Justiça, 2013a, pp. 41-51.

_____. *Reintegração social: discursos e práticas na prisão – um estudo comparado*. São Paulo, tese de doutoramento, USP, 2012.

BRAGA, Ana Gabriela Mendes e BRETAN, Maria Emilia Accioli Nobre. *Teoria e prática da reintegração social: o relato de um trabalho crítico no âmbito da execução penal*. In SÁ, Alvino Augusto de e SHECAIRA, Sérgio Salomão. (orgs.). *Criminologia e os problemas da atualidade*. São Paulo: Atlas, 2008, pp. 255-275.

BRETAN, Maria Emilia Accioli Nobre. *GDUCC, seis anos: avaliando a caminhada e construindo o futuro*. In SÁ, Alvino Augusto de, BRAGA, Ana Gabriela Mendes, BRETAN, Maria Emilia Accioli Nobre e CALDERONI, Vivian (coords.). *GDUCC: Grupo de diálogo universidade-cárcere-comunidade: uma experiência de integração entre a sociedade e o cárcere*. Brasília: Ministério da Justiça, 2013a, pp. 69-102.

BRETAS, Adriano Sérgio Nunes. *Fundamentos da criminologia crítica*. Curitiba: Juruá, 2010.

BRUNO, Aníbal. *Direito penal: parte geral*, vol. 1, tomo 2. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

BUCH, João Marcos. *Execução penal e dignidade da pessoa humana*. São Paulo: Estúdio, 2014.

CABETTE, Eduardo Luiz Santos. *Sociedade, desenvolvimento e liberdade: conectando o pensamento econômico de Amartya Sen com o princípio jurídico-penal da co-culpabilidade*. In *Boletim Ibccrim*, São Paulo, n. 184, mar. 2008. Disponível em <http://www.ibccrim.org.br/boletim_artigo/3612-Sociedade,-desenvolvimento-e-liberdade:-conectando-o-pensamento-econ%C3%B4mico-de-amartya-sen-com-o-princ%C3%ADpio-jur%C3%ADdico-penal-da-co-culpabilidade>. Acesso em 2 de setembro de 2014.

CARONE, Modesto. *Duas novelas de primeira*. In KAFKA, Franz. *O veredicto / Na colônia penal*. trad. port. de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 73-81.

CARRARA, Sérgio. *Crime e loucura: o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século*. São Paulo: Edusp, 1998.

CARVALHO, Salo de. *Antimanual de criminologia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

_____. *Penas e medidas de segurança no direito penal brasileiro (fundamentos e aplicação judicial)*. São Paulo: Saraiva, 2013.

CAFFÉ, Mara. *Psicanálise e direito: a escuta analítica e a função normativa jurídica*. 2ª ed. São Paulo: Quartier Latin, 2010.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. 2ª Ed. São Paulo; Edusp, 2008.

CALDERONI, Vivian e SHIMIZU, Bruno. Resenha bibliográfica à obra “Criminologia clínica e execução penal”, de Alvino Augusto de Sá. In *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, v. 91, 2011, pp. 461-466.

- CASTILHO, Pedro. *O Pai de Totem e tabu: pacto edípico e de direito*. In BEMFICA, Aline Guimarães (org.). *Psicologia jurídica: ética, transmissão e política*. Rio de Janeiro: Imago, 2011, pp. 137-149.
- CLEMMER, Donald. *The prison community*. Nova Iorque: Rinehart, 1958.
- COHEN, Albert K. *Delinquent boys: the culture of the gang*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1956.
- COHEN, Claudio. *Medida de segurança*. In COHEN, Cláudio, FERRAZ, Flávio Carvalho e SEGRE, Marco (orgs.). *Saúde mental, crime e justiça*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2006, pp. 123-129.
- COSTA, Fernando Braga. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.
- COSTA, Jurandir Freire. *Sobre a 'Geração AI-5': violência e narcisismo*. In *Violência e psicanálise*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003, pp. 155-249.
- _____. *Violência e identidade*. In *Violência e psicanálise*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003a, pp. 103-133.
- CHRISTIE, Nils. *Civilidade e Estado*. trad. port. de Beatriz Scigliano Careiro. In PASSETI, Edson e SILVA, Roberto Batista Dias da (orgs.). *Conversações abolicionistas: uma crítica do sistema penal e da sociedade punitiva*. São Paulo: Ibccrim, 1997, pp. 241-257.
- DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na Belle Époque: a medicalização do crime*. trad. port. de Regina Grisse de Agostinho. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

- DEBUYST, Christian. *Les paradigmes du droit pénal et les criminologies cliniques*. In *Criminologie*, v. 25, n. 2, 1992, pp. 49-72.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio Alvim, 2002.
- DERRIDA, Jacques. *Força de lei: o fundamento místico da autoridade*. trad. port. de Leyla Perrone-Moisés. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DI TULLIO, Benigno. *Principes de criminologie clinique*. 3ª ed. Paris: PUF, 1967.
- DIAS, Jorge de Figueiredo e ANDRADE, Manuel da Costa. *Criminologia: o homem delinqüente e a sociedade criminógena*. Coimbra: Coimbra, 1984.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Os irmãos Karamazov*. trad. port. de Natália Nunes e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1970.
- _____. *Memórias da casa dos mortos*. trad. port. de Natália Nunes e Oscar Mendes. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- ECO, Humberto. *O nome da rosa*. trad. port. de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- EDLER, Sandra. *Luto e melancolia: à sombra do espetáculo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- ENDO, Paulo Cesar. *A violência no coração da cidade: um estudo psicanalítico sobre as violências na cidade de São Paulo*. São Paulo: Escuta, 2005.

_____. *Psicanálise, direito e justiça restaurativa*. In *Revista Polêm!ca*, v. 7, 2008, pp. 31-39.

_____. *A ressurgência da tirania como elemento originário da política*. In *Revista da Defensoria Pública*. São Paulo, vol. 5, 2012, pp. 56-60.

_____. *A vergonha e a interpelação do estrangeiro*. In DOTTO, Karen Meira, ENDO, Paulo Cesar, SPOSITO, Sandra Elena e ENDO, Teresa Cristina (orgs.). *Psicologia, violência e direitos humanos*. São Paulo: CRP/SP, 2011, pp. 98-113.

ENDO, Paulo Cesar e SOUSA, Edson. *Sigmund Freud: ciência, arte e política*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. trad. port. de Teresa Cristina Carreteiro e Jacyara Nasciutti. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. *A noção de poder*. In *As figuras do poder*. trad. port. de Nina de Melo. São Paulo: Via Lettera, 2007, pp. 13-56.

FAUSTO, Boris. *O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FÉDIDA, Pierre. *O sítio do estrangeiro: a situação psicanalítica*. trad. port. de Eliana Borges Pereira Leite, Martha Gambini e Monica Seincman. São Paulo: Escuta, 1996.

FELMAN, Shoshana. *O inconsciente jurídico: julgamentos e traumas no século XX*. trad. port. de Ariani Bueno Sudatti. São Paulo: EDIPRO, 2014.

FENICHEL, Otto. *Teoria psicanalítica das neuroses*. trad. port. de Samuel Penna Reis. Rio de Janeiro: Atheneu, 1981.

- FERENCZI, Sandor. *Psicanálise do crime*. In *Obras completas: psicanálise*, vol. 2. trad. port. de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 191-193.
- _____. *Psicanálise e criminologia*. In *Obras completas: psicanálise*, vol. 3. trad. port. de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2011a, pp. 73-75.
- _____. *Psicanálise e criminologia*. In *Obras completas: psicanálise*, vol. 4. trad. port. de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2011b, pp. 219-236.
- FERNANDES, Newton e FERNANDES, Valter. *Criminologia integrada*. 2ª ed. São Paulo: RT, 2002.
- FERREIRA, Carolina Cutrupi. *Legislar pela exclusão social: um estudo da atividade legislativa sobre cumprimento da pena de 1984 a 2011*. Dissertação de mestrado, São Paulo, FGV, 2011.
- FIGEIREDO, Antônio Macena de. *Perito judicial: aspectos jurídicos: responsabilidade civil e criminal*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.
- FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. *Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. trad. port. de Raquel Ramalhete. 28ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FREIRE, Victor Barão. *Um estudo sobre o percurso formativo das Escolas de perdão e reconciliação (ESPERE) e os fundamentos para uma justiça restaurativa*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP, 2014.

FREUD, Sigmund. *Resenha de Hipnotismo, de August Forel*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. I. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1889/1996, pp. 125-140.

_____. *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. III. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1893/1996 , pp. 33-47.

_____. *Estudos sobre a histeria*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. II. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1895/1996.

_____. *A etiologia da histeria*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. III. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1896/1996 , pp. 185-215.

_____. *A interpretação dos sonhos (I)*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. IV. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1900/1996.

_____. *A interpretação dos sonhos (II)*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. IV. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1900/1996a.

_____. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. VI. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1901/1996.

_____. *Sobre os sonhos*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. V. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1901/1996a, pp. 655-700.

_____. *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. VII. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1996 , pp. 255-265.

- _____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. VII. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1996a , pp. 117-231.
- _____. *A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. IX. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1906/1996, pp. 89-104.
- _____. *Atos obsessivos e práticas religiosas*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. IX. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1907/1996, pp. 107-117.
- _____. *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. IX. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1908/1996, pp. 165-186.
- _____. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. X. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1909/1996, pp. 11-133.
- _____. *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I)*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XI. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1910/1996, pp. 167-180.
- _____. *Totem e tabu*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIII. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1913/1996, pp. 11-163.
- _____. *Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II)*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XII. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1996, pp. 161-171.

- _____. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1996a, pp. 75-108.
- _____. *O inconsciente*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1915/1996, pp. 163-222.
- _____. *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1916/1996, pp. 325-348.
- _____. *Luto e melancolia*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1916/1996, pp. 243-263.
- _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III)*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVI. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1917/1996a.
- _____. *As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1917/1996b, pp. 133-141.
- _____. *História de uma neurose infantil*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1918/1996, pp. 19-127.
- _____. *O “estranho”*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1996, pp. 233-273.

- _____. *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1996a, pp. 191-218.
- _____. *Introdução a 'A psicanálise e as neuroses de guerra'*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1996b, pp. 219-231.
- _____. *Além do princípio do prazer*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1920/1996, pp. 13-75.
- _____. *Psicologia de grupo e análise do ego*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1921/1996, pp. 77-154.
- _____. *Uma neurose demoníaca do século XVII*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1923/1996, pp. 81-120.
- _____. *O ego e o id*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1923/1996a, pp. 13-80.
- _____. *A dissolução do complexo de Édipo*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1924/1996, pp. 191-199.
- _____. *A negativa*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1925/1996a, pp. 261-269.

- _____. *Prefácio a Juventude desorientada, de Aichhorn*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1925/1996a, pp. 303-308.
- _____. *A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1926/1996, pp. 173-248.
- _____. *O futuro de uma ilusão*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1927/1996, pp. 11-63.
- _____. *Dostoiévski e o parricídio*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1928/1996, pp. 179-200.
- _____. *O mal-estar na civilização*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1930/1996, pp. 67-148.
- _____. *O parecer do perito no caso Halsmann*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1931/1996, pp. 259-261.
- _____. *Por que a guerra?* In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXII. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1933/1996, pp. 197-208.
- _____. *Moisés e o monoteísmo*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1939/1996, pp. 15-150.
- _____. *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. I. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1950/1996, pp. 219-331.

- FUKS, Betty Bernardo. *O homem Moisés e a religião monoteísta – três ensaios: o desvelar de um assassinato*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- GARLAND, David. *As condições da “sociedade punitiva”: o caso britânico*. s.t. In *Revista de sociologia e política*, Curitiba, n. 13, 1999, pp. 59-80.
- _____. *A cultura do controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea*. trad. port. de André Nascimento. Rio de Janeiro: Revan, 2008.
- GAROFALO, Rafaele. *Criminologia: estudo sobre o delicto e a repressão penal*. trad. port. de Julio Mattos. São Paulo: Teixeira & Irmão, 1893.
- GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. trad. port. de Denise Bottman. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GIORGI, Alessandro de. *A miséria governada através do sistema penal*. trad. port. de Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan, 2006.
- GÓES, Eda Maria. *A recusa das grades: rebeliões nos presídios paulistas: 1982-1986*. São Paulo: Ibccrim, 2009.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. trad. port. de Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- GODOI, Rafael. *Expansão e interiorização penitenciária em São Paulo*. In LOURENÇO, Luiz Claudio e GOMES, Geder Luiz Rocha (orgs.). *Prisões e punição no Brasil contemporâneo*. Salvador: EDUFBA, 2013.

- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. trad. port. de Dante Moreira Leite. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. trad. port. de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, s.d.
- GOIFMAN, Kiko. *Valetes em slow motion: a morte do tempo na prisão: imagens e textos*. Campinas: UNICAMP, 1998.
- GOMES, Luis Flávio e BUNDUKY, Mariana. *Tráfico de drogas: prisão de homens cresceu 118% após a Lei 11.343/06*. Instituto Avante Brasil. 2012. Disponível em <<http://institutoavantebrasil.com.br/trafico-de-drogas-prisao-de-homens-cresceu-118-apos-a-lei-11-34306/>>. Acesso em 10 de novembro de 2014.
- GOODRICH, Peter. *Introduction: psychoanalysis and law*. In *Law and the unconscious: a Legendre reader*. Londres: Macmillan Press, 1997, pp. 1-36.
- GREEN, André. *A mãe morta*. In *Narcisismo de vida/ narcisismo de morte*. trad. port. de Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988, pp. 239-273.
- GRINOVER, Ada Pellegrini, CINTRA, Antonio Carlos de Araújo e DINAMARCO, Cândido Rangel. *Teoria geral do processo*. 20ª ed. São Paulo: Malheiros, 2004.
- GRINOVER, Ada Pellegrini, FERNANDES, Antonio Scarance e GOMES FILHO, Antonio Magalhães. *As nulidades no processo penal*. 9ª ed. São Paulo: RT, 2006.
- GROSNER, Marina Quezado. *A seletividade do sistema penal na jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça: o trancamento da criminalização secundária por decisões em Habeas Corpus*. São Paulo: Ibccrim, 2008.

GUYOMARD, Patrick. *A Lei e as leis*. trad. port. de Analucia Teixeira Ribeiro. In ALTOÉ, Sônia (org.). *A Lei e as leis: direito e psicanálise*. Rio de Janeiro: Revinter, 2007, pp. 1-59.

HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. trad. port. de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HULSMAN, Louk. *Alternativas à justiça criminal*. In PASSETI, Edson (coord.). *Curso livre de abolicionismo penal*. Rio de Janeiro: Revan, 2004, pp. 35-68.

_____. *Temas e conceitos numa abordagem abolicionista da justiça criminal*. trad. port. de Maria Abramo Brant de Carvalho. In PASSETI, Edson e SILVA, Roberto Batista Dias da (orgs.). *Conversações abolicionistas: uma crítica do sistema penal e da sociedade punitiva*. São Paulo: Ibccrim, 1997, pp. 189-213.

HULSMAN, Louk e CELIS, Jaqueline Bernat de. *Penas perdidas: o sistema penal em questão*. trad. port. de Maria Lúcia Karam. Niterói: Luam, 1993.

HUNGRIA, Nélon. *Comentários ao Código Penal*, vol. I. Rio de Janeiro: Forense, 1949.

INADA, Jaqueline Feltrin. *Felicidade e mal-estar na civilização*. In *Revista Digital AdVerbum*. n. 6, 2011, pp. 74-88. Disponível em: <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbium/vol6_1/06_01_06felicidademalestarciviliz.pdf>. Acesso em 6 de maio de 2014.

INGENIEROS, José. *Criminología*. Trad. port. de Haeckel de Lemos. São Paulo: Monteiro Lobato, 1924.

INTERNATIONAL HUMAN RIGHTS CLINIC e JUSTIÇA GLOBAL. *São Paulo sob ataque: corrupção, crime organizado e violência institucional em maio de 2006*. 2011.

- JACCOUD, Mylène. *Princípios, tendências e procedimentos que cercam a justiça restaurativa*. In SLAKMON, Catherine, VITTO, Renato Campos Pinto de e PINTO, Renato Sócrates Gomes (orgs.). *Justiça restaurativa*. Brasília: Ministério da Justiça, 2005, pp. 163-188.
- JAKOBS, Günther. *Direito penal do cidadão e direito penal do inimigo*. In JAKOBS, Günther e CANCIO MELIÁ, Manuel. *Direito penal do inimigo: noções e críticas*. trad. port. de André Luís Callegari e de Nereu José Giacomolli. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2005.
- JANOUGH, Gustav. *Kafka m'a dit*. Paris: Calmann-Lévy, 1952.
- JESUS, Maria Gorete Marques de. *O crime de tortura e a justiça criminal: um estudo dos processos de tortura na cidade de São Paulo*. São Paulo: Ibccrim, 2010.
- JIMÉNEZ DE ASÚA, Luiz. *Psicoanálisis criminal*. 4ª ed. Buenos Aires: Losada, 1947.
- JOCENIR. *Diário de um detento: o livro*. 2ª ed. São Paulo: Labortexto, 2001.
- JONES, Adam. *Genocide: a comprehensive introduction*. 2ª ed. Abingdon: Routledge, 2011.
- JONES, Ernest. *Vida e obra de Sigmund Frued*, vol. 2. trad. port. de Marco Aurélio de Moura Mattos. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.
- JOZINO, Josmar. *Cobras e lagartos: a vida íntima e perversa nas prisões brasileiras: quem manda e quem obedece no partido do crime*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- KAFKA, Franz. *Um artista da fome / A construção*. trad. port. de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- _____. *Carta ao pai*. trad. port. de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *O desaparecido ou Amerika*. trad. port. de Susana Kampff Lages. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- _____. *A metamorfose*. trad. port. de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997a.
- _____. *Narrativas do espólio*. trad. port. de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *O processo*. trad. port. de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997b.
- _____. *O veredicto / Na colônia penal*. trad. port. de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998a.
- KANT, Emmanuel. *Doutrina do direito*. trad. port. de Edson Bini. 2ª ed. São Paulo: Ícone, 1993.
- KARAM, Maria Lúcia. *A esquerda punitiva*. In *Discursos sediciosos: crime, direito e sociedade*, ano 1, n. 1, 1996, pp. 79-92.
- _____. *De crimes, penas e fantasias*. Rio de Janeiro: Luam, 1991.
- _____. *Pela abolição do sistema penal*. In PASSETI, Edson (coord.). *Curso livre de abolicionismo penal*. Rio de Janeiro: Revan, 2004, pp. 69-107.

KLEIN, Melanie. *Tendências criminosas em crianças normais*. In *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. trad. port. de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 197-198.

_____. *Sobre a criminalidade*. In *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. trad. port. de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 296-300.

KOLTAI, Caterina. *Política e psicanálise: o estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 2000.

_____. *Totem e tabu: um mito freudiano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

KROEBER, Alfred L. *Totem and taboo: an ethnologic psychoanalysis*. In *American anthropologist*, vol. 22, n. 1, jan-mar. 1920, pp. 48-55.

_____. *Totem and taboo in retrospect*. In *The American journal of sociology*, vol. 45, n. 3, nov. 1939, pp. 446-451.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. trad. port. de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 12ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KUSNETZOFF, Juan Carlos. *Introdução à psicopatologia psicanalítica*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LACAN, Jacques. *Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia*. In *Escritos*. trad. port. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pp. 127-151.

_____. *Premissas a todo desenvolvimento possível da criminologia*. In *Outros Escritos*. trad. port. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, pp. 127-131.

LAGACHE, Daniel. *The works of Daniel Lagache: selected papers*. London: Karnac, 1993.

LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. trad. port. de Pedro Tamen. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. trad. port. de Ernani Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

_____. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. trad. port. de José Roberto Martins Filho. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LE RIDER, Jacques. *Cultivar o mal estar ou civilizar a cultura?* In LE RIDER, Jacques, PLON, Michel, RAULET, Gérard e REY-FLAUD, Henri. *Em torno de 'O mal-estar na cultura', de Freud*. trad. port. de Carmen Lucia Montechi Valladares de Oliveira e Caterina Koltai. São Paulo: Escuta, 2002, pp. 97-144.

LE MOS, Clécio José Morandi de Assis. *Culpabilidade por vulnerabilidade*. In *Boletim Ibccrim*, São Paulo, n. 210, mai. 2010. Disponível em <http://www.ibccrim.org.br/boletim_artigo/4093-Culpabilidade-por-vulnerabilidade>. Acesso em 2 de setembro de 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. trad. port. de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.

LOMBROSO, Cesare. *O homem delinqüente*. trad. port. de Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 2007.

LOPES, Maurício Antônio Ribeiro. *Princípio da Insignificância no Direito Penal*. 2ª. ed. São Paulo: RT, 2000.

- LOPES JÚNIOR, Aury. *Direito processual penal e sua conformidade constitucional*, vol. 2. 6ª ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.
- MÃES DE MAIO DA DEMOCRACIA BRASILEIRA. *Do luto à luta*. Publicação independente. São Paulo: 2011.
- MANDELBAUM, Enrique e MANDELBAUM, Belinda. *A família de Kafka ou da educação de crianças no interior de um organismo animal*. In *Psicologia USP*, v. 13, n. 2, 2002, pp. 143-150.
- MARANHÃO, Odon Ramos. *Psicologia do crime*. 2ª ed. São Paulo: Malheiros, 1993.
- MARQUES, Oswaldo Henrique Duek. *Fundamentos da pena*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- MATHIESEN, Thomas. *The politics of abolition: Scandinavian studies in criminology*. Oslo: Universitetsforlaget, 1974.
- MAURANO, Denise. *Histeria: o princípio de tudo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- MAYORA, Marcelo. *Criminologia cultural, drogas e rock and roll*. In CARVALHO, Salo de, PINTO NETO, Moysés, MAYORA, Marcelo e LINCK, José Antônio Gerzon. *Criminologia cultural e rock*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011, pp. 49-93.
- MAYRINK DA COSTA, Álvaro. *Criminologia*, vol. 1. Tomo II. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rio, 1980.
- MENEGAT, Marildo. *Quem decidiu essa guerra em que todos morremos?* In MENEGAT, Marildo e NERI, Regina (orgs.). *Criminologia e subjetividade*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2005. pp. 55-64.

MEURER, José Luiz. *Crime e violência: aspectos clínicos*. Trabalho apresentado na mesa-redonda *Crime e Violência: Aspectos Clínicos*, Congresso Brasileiro de Psicanálise, Brasília, 13 a 15 de novembro de 2005. Disponível em http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:boL3jBv63jYJ:febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/xx_cbp_meurer.doc+&cd=5&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em 10 de maio de 2013.

MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. *Freud, pensador da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MEZAROBBA, Glenda. *O processo de acerto de contas e a lógica do arbítrio*. In TELES, Edson e SAFATLE, Vladimir. *O que resta da ditadura*. São Paulo: Boitempo, 2010, pp. 109-119.

MINIUCI, Geraldo. *O genocídio e o crime de genocídio*. In *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, ano 18, n. 83, 2010, pp. 299-321.

MOLLO, Juan Pablo. *Psicoanálisis y criminología: estudios sobre la delincuencia*. Buenos Aires: Paidós, 2010.

MUÑOZ CONDE, Francisco. *Edmund Mezger e o direito penal de seu tempo: estudos sobre o direito penal no Nacional-Socialismo*. trad. port. de Paulo César Busato. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2005.

MUÑOZ CONDE, Francisco e HASSEMER, Winfried. *Introdução à criminologia*. trad. port. de Cíntia Toledo Miranda Chaves. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

NUCCI, Guilherme de Souza. *Leis penais e processuais penais comentadas*. 2ª ed. São Paulo: RT, 2007.

- NUNES, Adeildo. *A realidade das prisões brasileiras*. Recife: Nossa Livraria, 2005.
- NUNES, Silvia Alexim. *A psicopatologia da vida cotidiana: como Freud explica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- OLIVEIRA, Salete. *Linguagem-fronteira e linguagem-percurso*. In PASSETTI, Edson (coord.). *Curso livre de abolicionismo penal*. Rio de Janeiro: Revan, 2004, pp. 117-130.
- PALLAMOLLA, Rafaella da Porciuncula. *Justiça restaurativa: da teoria à prática*. São Paulo: Ibbcrim, 2009.
- PARETA, José Maria Marlet. *Criminologia*. São Paulo: Academia de Polícia, 1995.
- PASSETI, Edson. *Louk Hulsman e o abolicionismo libertário*. In BATISTA, Nilo e KOSOVSKI, Ester (orgs.). *Tributo a Louk Hulsman*. Rio de Janeiro: Revan, 2013, pp. 67-79.
- PASTANA, Debora Regina. *Justiça penal no Brasil contemporâneo: discurso democrático, prática autoritária*. São Paulo: UNESP, 2009.
- PELLEGRINO, Hélio. *Pacto edípico e pacto social (da gramática do desejo à sem-vergonhice Brasília)*. Folha de São Paulo, Folhetim, n. 347, 11 setembro de 1983.
- PENDE, Nicolás. *Trabajos recientes sobre endocrinología y psicología criminal*. trad. esp. de Mariano Ruiz-Funes. Morata: Madrid, 1932.
- PEREIRA, Anthony W. *Ditadura e repressão*. Trad. port. de Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- PETER FILHO, Jovacy. *Coculpabilidade e vulnerabilidade: consideração a partir de um realismo jurídico-penal*. In SÁ, Alvino Augusto de, TANGERINO, Davi de Paiva Costa e

- SHECAIRA, Sérgio Salomão (coords.). *Criminologia no Brasil: história e aplicações clínicas e sociológicas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011, pp. 207-230.
- PINEHIRO, Paulo Sergio. *O passado não está morto: nem passado é ainda*. In DIMENSTEIN, Gilberto. *Democracia em Pedacos: direitos humanos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 7-45.
- PIRES, Álvaro P. *La criminologie estes objets paradoxaux: réflexions épistemologiques sur un nouveau paradigme*. In *Déviance et société*, vol. 17, n. 2, 1993, pp. 129-161.
- _____,e DIGNEFFE, Françoise. *Vers un paradigme des inter-relations sociales? Pour une reconstruction du champ criminologique*. In *Criminologie*, vol. 17, n. 2, 1992, pp. 13-47.
- PLON, Michel e ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de psicanálise*. trad. port. de Vera Ribeiro e de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- PONTALIS, Jean-Bertrand e MANGO, Edmundo Gómez. *Freud com os escritores*. trad. port. de André Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- PRADO, Luiz Regis. *Curso de direito penal brasileiro: parte geral*, vol. 1. 7ª ed. São Paulo: RT, 2001.
- RAULET, Gérard. *As duas faces da morte: sobre o estatuto da agressividade e da pulsão de morte em 'O mal-estar na civilização'*. In LE RIDER, Jacques et.al. *Em torno de 'O mal-estar na cultura', de Freud*. trad. port. de Carmen Lucia Montechi Valladares de Oliveira e Caterina Koltai. São Paulo: Escuta, 2002, pp. 69-96.
- RAUTER, Cristina. *Criminologia e subjetividade no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

REIK, Theodor. *Psicoanálisis del crimen: el asesino desconocido*. trad. esp. de Simón Wencelblat. Buenos Aires: Hormé, 1965.

ROBERT, Marthe. *Franz Kafka*. trad. port. De José Manuel Simões. Lisboa: Presença, 1963.

ROSA, Miriam Debieux. *Adolescência: da cena familiar à cena social*. In *Psicologia USP*, vol. 13, n. 2, 2002, pp. 227-241.

ROSA, Paulo Tadeu Rodrigues. *Juiz auditor: cargo de livre nomeação ou magistrado de carreira?* 2004, disponível em <<http://www.advogado.adv.br/direitomilitar/ano2004/pthadeu/juizauditor.htm>>. Acesso em 22 de junho de 2012.

ROULAND, Norbert. *L'anthropologie juridique: que sais-je?*. 2ª ed. Paris: PUF, 1995.

RUSCHE, Georg e KIRCHHEIMER, Otto. *Punição e estrutura social*. trad. port. de Gizlene Neder. 2ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

SÁ, Alvino Augusto de. *Avaliações técnicas dos encarcerados*. In *Criminologia clínica e psicologia criminal*. São Paulo: RT, 2007, pp.188-208.

_____. *Concepção de crime como expressão de uma história de conflitos: implicações na reintegração social dos condenados à pena privativa de liberdade*. In *Criminologia clínica e psicologia criminal*. São Paulo: RT, 2007a, pp. 55-66.

_____. *Algumas ponderações acerca da reintegração social dos condenados à pena privativa de liberdade*. In *Criminologia clínica e psicologia criminal*. São Paulo: RT, 2007b, pp. 141-171.

_____. *Transdisciplinaridade e responsabilidade da academia*. In *Criminologia clínica e psicologia criminal*. São Paulo: RT, 2007c, pp. 172-187.

- _____. *Criminologia clínica e execução penal*. São Paulo, tese de livre-docência, Universidade de São Paulo, 2010.
- _____. *Criminologia clínica e execução penal: proposta de um modelo de terceira geração*. São Paulo: RT, 2011.
- _____. *GDUCC: uma estratégia de reintegração que visa à inclusão social*. In SÁ, Alvino Augusto de, BRAGA, Ana Gabriela Mendes, BRETAN, Maria Emilia Accioli Nobre e CALDERONI, Vivian (coords.). *GDUCC: Grupo de diálogo universidade-cárcere-comunidade: uma experiência de integração entre a sociedade e o cárcere*. Brasília: Ministério da Justiça, 2013, pp. 25-38.
- _____. *Sugestão de um esboço de bases conceituais para um sistema penitenciário*. In *Manual de projetos de reintegração social*. Secretaria de Administração Penitenciária/Departamento de Reintegração Social do Estado de São Paulo, 2005, pp. 13-21.
- SABADELL, Ana Lucia. *Manual de sociologia jurídica: introdução a uma leitura externa do direito*. 6ª ed. São Paulo: RT, 2013.
- SALES, Sidney. *Paraíso Carandiru*. 2ª ed. Várzea Paulista: Centro Comunitário Cristão, 2007.
- SALLA, Fernando. *De Montoro a Lembo: as políticas penitenciárias em São Paulo*. In *Revista brasileira de segurança pública*, ano 1, n. 1, 2007, pp. 72-90.
- SANTOS, Juarez Cirino. *A criminologia radical*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.
- SAROLDI, Nina. *O mal-estar na civilização: as obrigações do desejo na era da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

- SAUVAGNAT, François. *As concepções psicanalíticas sobre a culpabilidade*. s.t. In *Responsabilidades*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2011, pp. 53-68.
- SAWAIA, Bader Burihan. *O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão*. In *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012, pp. 99-119.
- SCHNEIDER, Andreia Maria Negrelli. *Suicídio no sistema carcerário: análise a partir do perfil biopsicossocial do preso nas instituições prisionais do Rio Grande do Sul*. Dissertação de Mestrado, Rio Grande do Sul, PUC, 2006.
- SCHWENDINGER, Herman e SCHWENDINGER, Julia. *Defensores da ordem ou guardiões dos direitos humanos?* In TAYLOR, Ian, WALTON, Paul e YOUNG, Jock (orgs.). *Criminologia Crítica*. trad. port. de Juarez Cirino dos Santos e Sérgio Tancredo. Rio de Janeiro: Graal, 1980, pp. 135-176.
- SEGRE, Marco. *Introdução à criminologia*. In COHEN, Cláudio, FERRAZ, Flávio Carvalho e SEGRE, Marco (orgs.). *Saúde mental, crime e justiça*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2006, pp. 29-36.
- SHECAIRA, Sergio Salomão. *Criminologia*. São Paulo: RT, 2004.
- _____ e CORRÊA JÚNIOR, Alceu. *Teoria da pena*. São Paulo: RT, 2002.
- _____. *Tolerância zero*. In *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, ano 17, n. 77, 2009, pp. 261-280.
- SHIMIZU, Bruno. *Culpa e punição em Freud e Kafka: articulações entre direito, literatura e psicanálise*. In *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, v. 108, 2014, pp. 419-436.

- _____. *Os discursos do cárcere e o diálogo*. In SÁ, Alvino Augusto de, BRAGA, Ana Gabriela Mendes, BRETAN, Maria Emilia Accioli Nobre e CALDERONI, Vivian (coords.). *GDUCC: Grupo de diálogo universidade-cárcere-comunidade: uma experiência de integração entre a sociedade e o cárcere*. Brasília: Ministério da Justiça, 2013, pp. 105-127.
- _____. *O homicídio e a dádiva: um exemplo de distanciamento entre antropologia e direito*. In *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, ano 17, n. 77, 2009, pp. 203-218.
- _____. *Mães de maio: uma ferida aberta na democracia brasileira*. In *Boletim Ibccrim*, n. 227, out. 2011, pp. 15-16.
- _____. *Narcisismo, fetichismo, consumismo e exclusão social: articulações a partir do filme O cheiro do ralo*. In *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, v. 21, 2014a, pp. 207-232.
- _____. *Um panorama crítico sobre o pensamento criminológico clínico no Brasil*. In SÁ, Alvino Augusto de, TANGERINO, Davi de Paiva Costa e SHECAIRA, Sérgio Salomão (coords.). *Criminologia no Brasil: história e aplicações clínicas e sociológicas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011a, pp. 181-206.
- _____. *O sistema penal brasileiro é um aparato genocida*. In *Boletim Ibccrim*, São Paulo, n. 208, mar. 2010, pp. 14-15.
- _____. *Solidariedade e gregarismo nas facções criminosas: um estudo criminológico à luz da psicologia das massas*. São Paulo: Ibccrim, 2011a.

- SHIMIZU, Bruno e CACICEDO, Patrick Lemos. *Tipificação do terrorismo e o PLS n. 499/2013: oportunismo legislativo na contramão do processo de democratização brasileiro*. In *Revista Jurídica Consulex*, v. 18, 2014, p. 32-33.
- SINHORETTO, Jacqueline. *Os justiçadores e sua justiça: linchamentos, costume e conflito*. São Paulo: Ibccrim, 2002.
- SICA, Leonardo. *Justiça restaurativa e mediação penal*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.
- SILVA, Ana Carolina Nascimento. *Das relações de sentido entre corpo e cidadania*. In *Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais, IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, dez. 2008, pp. 93-100. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br> Acesso em 15 dez 2008.
- SOUZA, Adilson Paes de. *O guardião da cidade: reflexões sobre casos de violência praticados por policiais militares*. São Paulo: Escrituras, 2013.
- STRACHEY, James et al. (orgs.). *Índices, bibliografias, etc.* In FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXIV. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ et al. *Nota do editor inglês a "Tatbestandsdiagnostik und Psychoanalyse"*. In FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXIV. s.t. Rio de Janeiro: Imago, 1996a, pp. 91-93.
- SYKES, Gresham. *The society of captives: a study of a maximum security prison*. Princeton: Princeton University Press, 2007.
- SZASZ, Thomas S. *O mito da doença mental*. trad. port. de Irley Franco e de Carlos Roberto Oliveira. 2ª ed. São Paulo: Círculo do Livro. s.d.

- TANGERINO, Davi de Paiva Costa. *Culpabilidade*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- TAYLOR, Ian, WALTON, Paul e YOUNG, Jock. *A criminologia crítica na Inglaterra: retrospecto e perspectiva*. In TAYLOR, Ian, WALTON, Paul e YOUNG, Jock (orgs.). *Criminologia Crítica*. trad. port. de Juarez Cirino dos Santos e Sérgio Tancredo. Rio de Janeiro: Graal, 1980, pp. 1-72.
- TEIXEIRA, Alessandra. *Do sujeito de direito ao estado de exceção: o percurso contemporâneo do sistema penitenciário brasileiro*. São Paulo, dissertação de mestrado, USP, 2006.
- _____. *Prisões da exceção: política penal e penitenciária no Brasil contemporâneo*. Curitiba: Juruá, 2009.
- THOMPSON, Augusto. *Quem são os criminosos? O crime e o criminoso: entes políticos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.
- _____. *A questão penitenciária*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- TOLEDO, Francisco de Assis. *Princípios básicos de direito penal*. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 1994.
- TOURINHO FILHO, Fernando da Costa. *Código de processo penal comentado*, vol. 1. 12ª ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- VALOIS, Luis Carlos. *Conflito entre ressocialização e o princípio da legalidade na execução penal*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.
- _____. *Ressocialização versus legalidade: em prol de uma possível comunicação na execução penal*. In *Boletim Ibccrim*, São Paulo, n. 250, set. 2013a. Disponível em

<http://www.ibccrim.org.br/boletim_artigo/4948-Ressocializa%C3%A7%C3%A3o-versus-legalidade:-em-prol-de-uma-poss%C3%A4vel-comunica%C3%A7%C3%A3o-na-execu%C3%A7%C3%A3o-penal>. Acesso em 2 de setembro de 2014.

VASCONCELOS, Karina Nogueira. *O cárcere: racionalismo da pena e adestramento do corpo na modernidade*. Curitiba: Juruá, 2011.

VEIGA DE CARVALHO, Hilário. *Compêndio de criminologia*. São Paulo: Bushatsky, 1963.

VERAS, Ryanna Pala. *Nova criminologia e os crimes do colarinho branco*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VIANA, Tulio. *Desmilitarizar e unificar a polícia*. In *Portal Fórum*. 9 de janeiro de 2013. Disponível em <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/01/desmilitarizar-e-unificar-a-policia/>>. Acesso em 15 de novembro de 2014.

VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves. *A vida em rebelião: jovens em conflito com a lei*. São Paulo: Hucitec, 2005.

VIEIRA, Patricia Ribeiro Serra. *Sobre a responsabilidade no caso Carandiru*. In *Discursos Sediciosos: crime, direito e sociedade*. Rio de Janeiro, v. 3, 5/6, 1998, pp.265-270.

WACQUANT, Loïc. *Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos*. trad. port. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

_____. *As prisões da miséria*. trad. port. de André Telles. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

WINNICOTT, Donald W. *Privação e delinquência*. trad. port. de Álvaro Cabral. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

- WOLFF NETO, Carlos Gustavo. *Incomensurabilidade sem paradigmas: a revolução epistemológica de Thomas Kuhn*. São Leopoldo, dissertação de mestrado, UNISINOS, 2007.
- YOUNG, Jock. *A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente*. trad. port. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- ZACCONE, Orlando. *Acionistas do nada: quem são os traficantes de drogas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2008.
- ZAFFARONI, Eugenio Raúl. *Criminología: aproximación desde un margen*. Santa Fé de Bogota: Temis, 1998.
- _____. *Culpabilidad por vulnerabilidad*. Discurso de aceitação do título de doutor *honoris causa* outorgado pelo Universidade de Macerata (Itália). 2002. Disponível em <<http://www.abogadosrosario.com/noticias/leer/306-culpabilidad-por-vulnerabilidad-por-eugenio-zaffaroni.html>>. Acesso em 2 de setembro de 2014.
- _____. *Em busca das penas perdidas: a perda de legitimidade do sistema penal*. trad. port. de Vânia Romano Pedrosa e Amir Lopes da Conceição. 5ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2001.
- _____. *A palavra dos mortos: conferências de criminologia cautelar*. São Paulo: Saraiva, 2012.
- _____. *A questão criminal*. trad. port. de Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan, 2013.
- ZAFFARONI, Eugenio Raúl e PIERANGELI, José Henrique. *Manual de direito penal brasileiro: parte geral*. 5ª Ed. São Paulo: RT, 2004.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl, Batista, Nilo, ALAGIA, Alejandro e SLOKAR, Alejandro. *Direito penal brasileiro*, vol. 1. 4ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2013.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan, 1994.

ZAMORA, Maria Helena. *Estética, controle e resistência*. In MENEGAT, Marildo e NERI, Regina (orgs.). *Criminologia e subjetividade*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2005. pp. 123-133.

ZANETTI, Clóvis Eduardo. *Representação e matéria: o estatuto do real e da realidade psíquica do desejo inconsciente em Freud*. In *Revista AdVerbum*, vol. 2 (1), 2007, pp. 60-86.

ZAVERUCHA, Jorge. *Relações civil-militares o legado autoritário da Constituição brasileira de 1988*. In TELES, Edson e SAFATLE, Vladimir (orgs.). *O que resta da ditadura*. São Paulo: Boitempo, 2010, pp. 41-76.

ZEHR, Howard. *Trocando as lentes: um novo foco sobre o crime e a justiça*. trad. port. de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2008.

_____. *Justiça restaurativa*. trad. port. de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2012.

ZENI, Bruno (coord.). *Sobrevivente André du Rap (do massacre do Carandiru)*. São Paulo: Labortexto, 2002.

ZYGOURIS, Radmila. *De alhures ou de outrora ou o sorriso do xenófobo*. trad. port. de Caterina Koltai. In KOLTAI, Caterina (org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1998, pp. 193-210.